

Poesia do Corpo

Oswaldo Guimarães

Poesia do corpo, poesia do outro: algumas considerações em torno da fala de Bob, ou das relações de interpelação entre corpo e poesia...

= Há um sentido em dizer: toda fala é uma resposta a uma interpelação anterior. Sendo assim, nos colocamos *diante* da fala de Bob como diante de uma questão que nos demanda uma resposta.

= De que questão se trata? Da *interpelação* mútua, mais, da *interlocução*, entre corpo e poesia. Mas o que é a poesia? E o que é o corpo? – pergunta esta que é apenas aparentemente mais simples... Bob faz bem em não responder a essas perguntas, e faz melhor ainda ao deixar-se interpelar, na plenitude e na precariedade de sua existência e experiência, por estas perguntas. Como veremos, é na capacidade de abrir-se às perguntas – principalmente a das perguntas sem resposta! – que se medem tanto poetas quanto terapeutas.

= Deixar-se questionar é, antes de mais nada, reconhecer no outro o mistério de uma existência poderosa, singular e incontornável – mistério que reclama de mim uma resposta. Deixar-se questionar é nesse sentido também reconhecer no outro a capacidade de me transformar com a sua pergunta, ou melhor, de me transformar com o simples e misterioso fato de sua presença, que é a maior e a mais profunda das perguntas.

= Um poeta, pois, se é alguém, é alguém que se deixa interpelar pelo fato bruto da vida e da morte, do eu e do outro, e aceita, sem reservas, a tarefa de responder novamente, e sempre novamente, ao chamado que o convoca. É preciso notar: toda interpelação assim como toda resposta é e deve permanecer sempre *pessoal*. A forma e o conteúdo dessa resposta são feitos, lembremo-nos, da mesma matéria que os sonhos – e o nosso corpo – são feitos.

= Um poeta não descreve, não prescreve, não diagnostica, não julga, não condena – pelo menos não deveria. Ele *responde*. Em sua fala ele se empenha como só se empenha quem se sente *pessoalmente* questionado. Eis um ponto fundamental: só atribuímos o poder de nos afetar ou

questionar *pessoalmente*, no cerne mesmo da nossa integridade, algo ou alguém ao qual atribuímos uma dose, igual ou superior a nossa, de *alma*.

= O que isto quer dizer? Quer dizer que quando deixamos-nos afetar por isso que chamamos de vida, existência, morte, natureza, mesmo quando se tratam, portanto, de “entidades” mais ou menos abstratas, estamos atribuindo a elas em maior ou menor grau a capacidade de agir sobre nós, e de se comportarem como seres comandados por uma vontade misteriosa, ou seja, de interpelarem como apenas um “outro” é capaz de fazer.

= Essa atitude pode ser tachada – como já foi muitas vezes pelos zelosos realistas de plantão – de ilusão, ou fantasia. Mas não é isso que me importa agora. A questão que me importa e que deve nos importar é esta: como, depois de termos reduzido a vida, a existência, a morte e a natureza a condição de coisas, conceitos ou dados (que podem, portanto, serem submetidas ao regime da compra, venda, troca, acúmulo e subtração), agora corremos o risco de submeter, em nossas sociedades, a própria pessoa humana, na paixão de seu corpo, ao mesmo regime de redução. E o que seria essa negação do outro no outro, senão a negação da sua capacidade de nos deixar interpelar por ele em seu mistério e diferença?

= Temos com relação ao outro um dever (e não um direito!) de responder as suas perguntas. “Não matarás” quer dizer, portanto: “Não me serás, em hipótese alguma, indiferente”. O que o assassino não pode suportar (logo, o que ele mais deseja) é o olhar de sua vítima, um olhar que o interpela porque nele o assassino entrevê a alma, a sua própria e a do outro. Como num enredo de mistério, não por acaso tantas vezes encenado pelos escritores em meio a congressos médicos, seria possível dizer: “Há um assassino entre nós.” Ou melhor, *há um assassino em nós* toda vez que nos fechamos às questões do outro, de tudo que é *outro* – isto é, doença, miséria, violência. A indiferença é o furto da alma do outro, ela recusa ao outro a sua alma, que é o mesmo que dizer: recusa ao outro da sua presença, que como qualquer presença, só pode nascer do contato.

= Quantas vezes já não ouvimos que uma palavra ou gesto “tocaram a nossa alma”? Se há semelhança entre os gestos de poetas e terapeutas é que em ambos há esse desejo de “tocar a alma”. E como pode uma pessoa, seja poeta ou terapeuta, almejar tocar a alma de alguém se, para começar, ele nunca teve a sua alma tocada? Eis aí tudo que antes dissemos quanto à capacidade de se deixar interpelar pelo outro, ou melhor, por aquilo que há de outro em toda vida. Mas para se tocar a alma é preciso *ir ao encontro do corpo*. Ao encontro do corpo, o próprio e o alheio, ali onde as próprias noções de “próprio” e “alheio” se decidem. Isto porque, de todas as vítimas do assassinato cometido pela indiferença, o corpo é o primeiro. A indiferença ao outro é, assim, uma doença que começa com a perda da capacidade de “escutar” e “sentir” o nosso próprio corpo, e logo, de nos deixarmos interpelar por ele, bem como de responder aos seus mistérios.

= Mas o corpo é bem mais do que um mero lugar de passagem, pelo qual poetas e terapeutas deveriam se sentir obrigados a passar em sua jornada sublime em direção da alma. A alma não está além, muito menos *no* além, e esse é todo o credo dos poetas... A alma, esta palavra, a “*psique*”, nasceu não para separar ou se diferenciar do corpo: ela é o “corpo sutil”, ou melhor, aquilo de sutil que é o corpo, a sua “parte” extraviada ou *extraviável*, que vai a todos os lugares que negamos ao nosso “corpo” de razão e carne. A alma é aquilo que em nós vai ao encontro, é aquilo de nós que se coloca diante do outro, e aquilo que sentimos do outro quando nos abrimos à sua presença. A alma é esse outro nome da presença, naquilo que ela tem de insustentável e de inominável: o que empenhamos junto ao outro, bem como aquilo que aceitamos, tacitamente, como seu empenho.

= É preciso ver, por fim, de que modo essa tarefa, qual seja, a de se deixar interpelar pelo outro, e portanto, de respondê-lo, deixando-se tocar e tocando em sua alma, implica as pessoas do poeta e do terapeuta. Os poetas (nas *personas* dos “vates” e profetas) e os terapeutas (nas figuras dos xamãs e curandeiros) bebem numa fonte comum de sabedoria, mesmo que muitas vezes recalcada: aquela que situa o conhecimento na capacidade de se abrir às forças pessoais ou impessoais da vida e da

natureza, abrigando-as e recebendo-as no mais íntimo de seus corpos. O modo como, tradicionalmente, poetas e terapeutas invocavam, convocavam e recebiam as forças alheias do cosmos não nos importa. Somente isto importa: o modo como poetas e terapeutas têm, mesmo hoje, de se deixarem implicar naquilo que lhes escapa e os transcende sem reservas. Possuídos ou não, poetas e terapeutas devem antes de mais nada colocarem-se em atitude de “vazio” completa: abertura. Somente esvaziando-nos podemos receber o outro, ou aquilo que de outro traz o outro. O poeta e o terapeuta são, nesse sentido vazios; alguém que faz do vazio de si uma arte atinge um estado de graça.

= Só assim sua resposta será uma dádiva. E o que nos dará o poeta? Qual será a sua graça? Que sua resposta seja para nós uma – nova – interpelação, na qual os fundamentos mais pessoais da nossa *presença*, toda plenitude e precariedade de nossa presença, estejam implicados como nós estamos implicados à vida: com todo o coração.